

**A
MENINA
QUE
BRINCAVA
COM
FOGO
STIEG LARSSON**

Tradução

Dorothée de Bruchard

5ª edição

1ª reimpressão



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2006 by Stieg Larsson

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Flickan som lekte med elden

Traduzido da edição francesa (La fille qui rêvait d'un bidon d'essence et d'une allumette)

Capa

Retina_78

Preparação

Maria Cecília Caropreso

Revisão

Marise Leal

Carmen S. da Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Larsson, Stieg, 1954-2004

A menina que brincava com fogo / Stieg Larsson ; tradução Dorothée de Bruchard. — São Paulo : Companhia das Letras, 2015. — (Millennium; 2)

Título original : Flickan som lekte med elden.

ISBN 978-85-359-2621-7 (coleção)

ISBN 978-85-359-2617-0

1. Ficção policial e de mistério (Literatura sueca) 2. Romance sueco I. Título.

09-01234

CDD-839.737

Índice para catálogo sistemático:

1. Romance : Literatura sueca 839.737

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

SUMÁRIO

Prólogo, 7

I. Equações irregulares (16 a 20 de dezembro), 11

II. Da Rússia com amor (10 de janeiro a 23 de março), 71

III. Equações impossíveis (23 de março a 2 abril), 195

IV. *Terminator mode* (24 de março a 8 de abril), 373

I. EQUAÇÕES IRREGULARES

16 A 20 DE DEZEMBRO

A equação recebe um nome segundo a potência das incógnitas (valor do expoente). Se esta for um, a equação será de primeiro grau; se a potência for dois, a equação será de segundo grau etc. As equações de grau superior ao primeiro atribuem diferentes valores às incógnitas. Esses valores são chamados de raízes.

Equação de primeiro grau (equação linear):

$$3x - 9 = 0 \text{ (raiz: } x = 3\text{)}$$

1. QUINTA-FEIRA 16 DE DEZEMBRO — SEXTA-FEIRA 17 DE DEZEMBRO

Lisbeth Salander puxou os óculos escuros sobre o nariz e olhou por baixo da aba do chapéu. Viu a mulher do quarto 32 vindo da entrada lateral do hotel e dirigir-se a uma das espreguiçadeiras de listras brancas e verdes à beira da piscina. Seu olhar estava firmemente voltado para o chão à sua frente e seu semblante, compenetrado. Dava a impressão de estar com as pernas meio bambas.

Salander, até então, só a tinha visto de longe. Dava-lhe uns trinta e cinco anos, mas sua aparência neutra e indefinida situava-a num ponto qualquer na faixa dos vinte e cinco aos cinquenta. Tinha cabelos castanhos semilongos, rosto oval e um corpo maduro que poderia ter saído diretamente das páginas de roupa íntima de um catálogo de vendas por correspondência. A mulher usava sandalinhas, biquíni preto e óculos escuros de tartaruga com lentes roxas. Era americana e falava com sotaque do Sul. Seu chapéu de sol era amarelo e ela o deixou cair ao lado da espreguiçadeira antes de fazer um sinal ao garçom do bar de Ella Carmichael.

Lisbeth Salander pôs o livro no colo, pegou seu copo e bebericou um gole de café antes de se inclinar para apanhar o maço de cigarros. Sem virar a cabeça, deslocou o olhar para o horizonte. Do seu lugar na área da

piscina, avistava uma nesga do mar do Caribe em meio a um conjunto de palmeiras e rododendros em frente ao muro do hotel. Um veleiro singrava ao largo rumo ao norte, na direção de Santa-Luzia ou Dominica. Mais adiante, distinguia o vulto de um cargueiro cinzento a caminho das Guianas ou de algum país vizinho. Uma brisa ligeira lutava contra o calor da tarde, mas ela sentiu uma gota de suor escorrer devagar para a sobancelha. Lisbeth Salander não era do tipo que gostava de se deixar fritar ao sol. Na medida do possível, passava o dia todo na sombra, de modo que se colocara decididamente sob a proteção do toldo. No entanto, estava bronzeada como uma avelã, pelo menos nas partes do corpo que expunha. Usava um short cáqui e uma regata preta.

Escutava os sons estranhos dos *steel drums* difundidos pelos alto-falantes do bar. Embora a música não fosse especialmente a sua praia — era incapaz de distinguir Nick Cave de uma orquestra de baile popular —, os *steel drums* a fascinavam. Achava incrível que alguém conseguisse afinar um barril de petróleo, e mais incrível ainda que o barril produzisse sons controláveis que não se pareciam com nenhum outro som e que, para ela, tinham diretamente a ver com magia.

Súbito, sentiu-se irritada e desviou o olhar para a mulher, a quem acabavam de entregar um copo com um drinque alaranjado.

Lisbeth Salander não queria nada com aquela morena. Mas simplesmente não conseguia entender por que a mulher continuava ali. Por quatro noites, desde a chegada do casal, Lisbeth Salander escutara, vindo do quarto vizinho, uma voz masculina vigorosa e violenta usando o registro da intimidação. Escutara choros, sussurros duros e, em várias oportunidades, sons de bofetadas. O homem que estava na origem dos tabefes — Lisbeth supunha que era o marido — tinha cerca de quarenta anos. Cabelos castanhos lisos repartidos no meio, um penteado meio careta, e parecia estar na ilha de Granada por motivos profissionais. Lisbeth Salander não fazia ideia de qual poderia ser a profissão do fulano, mas toda manhã ele aparecia bem-vestido, de gravata e paletó, para tomar um café no bar do hotel, e depois pegar seu porta-documentos e ir até o táxi que o esperava.

Em geral, voltava ao hotel no final da tarde, tomava banho e ficava com a mulher à beira da piscina. Jantavam juntos, e qualquer observador podia perceber a harmonia cheia de intimidade e amor que emanava deles. A mu-

lher talvez tomasse um ou dois copos além do que deveria, mas sua embriaguez não era aflitiva nem espalhafatosa.

As brigas no quarto vizinho começavam ritualmente entre dez e onze da noite, mais ou menos a hora em que Lisbeth ia para a cama com um livro sobre mistérios matemáticos. Nunca eram maus-tratos sérios. Até onde Lisbeth conseguia perceber, tratava-se de uma discussão azeda e exaustiva, com o homem não tolerando nenhum protesto, embora provocasse a mulher, incitando-a às recriminações. Na noite anterior, Lisbeth fora para a sacada e escutara a discussão. Durante mais de uma hora, o homem ficara andando de um lado para o outro do quarto, reconhecendo que era um traste que não a merecia. Diversas vezes, como que em plena crise emocional de inferioridade, dissera que ela devia achá-lo um hipócrita. Todas as vezes ela respondera que não pensava isso e procurava acalmá-lo. Ele foi ficando mais e mais exaltado, chegando a ponto de sacudi-la. Por fim, ela disse o que ele esperava... *sim, você é um hipócrita*. E ele imediatamente usou aquela confissão forçada como pretexto para atacá-la, atacar seu comportamento e seu caráter. Chamou-a de puta, palavra que arrepiou Lisbeth Salander. Ela própria não teria hesitado em partir para a desforra se lhe dirigissem uma acusação daquelas. Mas não era esse o caso e, concretamente, o problema não era seu. Assim, era difícil para ela decidir se deveria ou não intervir de alguma maneira.

Perplexa, Lisbeth escutara o homem repetir suas acusações e, de repente, mandar ver as bofetadas. Acabava de decidir ir até o corredor e abrir a porta do 32 com um superpontapé, quando o silêncio voltou a se instalar no quarto.

Observando a mulher perto da piscina, notou um leve hematoma no ombro e um arranhão no quadril, mas nenhum ferimento óbvio.

Nove meses antes, tinha lido um artigo numa *Popular Science* esquecida por um passageiro no aeroporto Leonardo da Vinci, em Roma, e no mesmo instante tomara-se de um fascínio absoluto por astronomia esférica, um assunto absolutamente espinhoso. Num impulso, fora até a livraria universitária de Roma e comprara algumas das teses mais importantes sobre a matéria. Para entender astronomia esférica, porém, tinha sido obrigada a mergulhar nos mistérios relativamente complicados da matemática. Nos últimos meses,

dera a volta ao mundo e visitara regularmente livrarias especializadas à procura de outros livros sobre o tema.

De modo geral, os livros tinham ficado enfiados nas malas, e seus estudos haviam sido pouco sistemáticos e um tanto hesitantes, até que passou por acaso na livraria universitária de Miami e saiu de lá com *Dimensions in Mathematics* do dr. L. C. Parnault (Harvard University, 1999). Encontrara o livro poucas horas antes de iniciar um périplo pelas Antilhas.

Estivera em Guadalupe (dois dias num fim de mundo inacreditável); Dominica (simpática e descontraída; cinco dias); Barbados (uma noite num hotel americano onde sentiu que sua presença era particularmente indesejada); e Santa-Luzia (nove dias). Poderia ter cogitado ficar algum tempo em Santa-Luzia, não fosse ter se indisposto com um jovem delinquente nativo de mente obtusa que insistia em se apossar do bar do seu hotel de segunda categoria. Certa noite, ela pusera fim às hostilidades esmagando-lhe um tijolo na cabeça, pagara a conta e tomara uma balsa com destino a São Jorge, capital de Granada. Até o momento de embarcar, nunca tinha ouvido falar naquele país.

Desembarcara em Granada debaixo de uma chuva tropical por volta das dez horas de uma manhã de novembro. A leitura do *Caribbean Traveller* lhe informara que Granada era conhecida como *Spice Island*, a ilha das especiarias, e era um dos maiores produtores mundiais de noz-moscada. A capital se chamava São Jorge. A ilha contava cento e vinte mil habitantes, mas cerca de outros duzentos mil granadinos estavam expatriados nos Estados Unidos, Canadá e Inglaterra, o que dava uma boa ideia do mercado de trabalho na ilha. A paisagem era montanhosa, em volta de um vulcão extinto, o Lagoa Grande.

Granada, historicamente falando, era uma das inúmeras e insignificantes antigas colônias britânicas, onde o capitão Barba Negra talvez tivesse, ou não, desembarcado e enterrado um tesouro. Esta imagem tinha o mérito de atizar as fantasias. Em 1795, Granada atraiu a atenção política depois que um ex-escravo alforriado chamado Julian Fedon, inspirando-se na Revolução Francesa, fomentou uma revolta, obrigando a Coroa a enviar tropas para fazer picadinho, enforcar, encher de bala e mutilar um grande número de rebeldes. O problema do regime colonial era que uma boa quantidade de brancos pobres tinha aderido à revolta de Fedon sem a menor consideração

pelas hierarquias ou fronteiras raciais. A revolta foi esmagada, mas Fedon nunca foi capturado; refugiado no mato do Lago Grande, tornou-se uma lenda local ao estilo Robin Hood.

Cerca de dois séculos depois, em 1979, o advogado Maurice Bishop deu início a outra revolução inspirada, segundo o guia, na *communist dictatorship in Cuba and Nicarágua*, mas da qual Lisbeth Salander tivera rapidamente uma visão bem diferente depois de conversar com Philip Campbell, professor, bibliotecário e pregador batista, em cuja *guesthouse* se hospedara em seus primeiros dias na ilha. A história podia ser resumida assim: Bishop foi um líder extremamente popular que derrubara um ditador maluco, e ainda por cima fanático por óvnis, que dilapidava parte do magro orçamento do Estado perseguindo discos voadores. Bishop defendia uma democracia econômica e introduziu no país as primeiras leis sobre igualdade dos sexos, antes de ser assassinado em 1983 por uma horda de stalinistas desmiolados, que desde então permaneciam encarcerados na ilha.

Depois do assassinato, incluído no massacre de cerca de cento e vinte pessoas, entre as quais o ministro das Relações Exteriores, o ministro da Condição Feminina e importantes líderes sindicais, os Estados Unidos intervieram, desembarcando na ilha a fim de restabelecer a democracia. Consequência direta para Granada: o desemprego passou de seis para quase cinquenta por cento e o tráfico de cocaína voltou a constituir a maior fonte de renda em todas as categorias. Philip Campbell assentira com a cabeça ao ler a descrição do guia de Lisbeth e dera-lhe bons conselhos sobre as pessoas e os bairros que ela deveria evitar depois do anoitecer.

Com Lisbeth Salander, bons conselhos eram relativamente inúteis. Em compensação, ela escapara do perigo de conhecer a criminalidade de Granada ao se apaixonar pela praia de Angra Grande, logo ao sul de São Jorge, praia de uns dez quilômetros de extensão de areia, pouquíssimo frequentada e onde podia, se lhe desse vontade, passear durante horas sem ser obrigada a conversar ou encontrar com ninguém. Hospedara-se no Keys, um dos raros hotéis americanos de Angra Grande, e lá ficara por sete semanas sem fazer muito mais que passear na praia e comer *chinups*, fruta nativa cujo gosto lhe lembrava o da groselha e com a qual se entusiasmara totalmente.

Era baixa estação e apenas um terço do hotel estava ocupado. O problema é que tanto a tranquilidade de Lisbeth como suas veleidades de estudos

matemáticos foram bruscamente perturbadas pelo barulho das discussões no quarto ao lado.

Mikael Blomkvist pressionou o indicador na campainha do apartamento de Lisbeth Salander na Lundagatan. Não esperava que ela atendesse, mas criara o hábito de passar por ali uma ou duas vezes por mês, só para dar uma conferida. Espiando pela abertura da porta destinada à correspondência, viu a pilha de prospectos acumulados. Passava das dez da noite e, com a pouca luminosidade, era difícil avaliar se a pilha aumentara desde a última vez.

Por um momento, permaneceu indeciso no vão da escada, até que, frustrado, deu meia-volta e deixou o prédio. Voltou para o seu apartamento na Bellmansgatan caminhando sem pressa. Ao chegar em casa, ligou a cafeteira e abriu os jornais da tarde, enquanto assistia à edição noturna de *Rapport* com olhar distraído. Estava deprimido e se perguntava aonde andaria Lisbeth Salander. Sentia uma vaga preocupação, mas não tinha nenhum motivo para achar que ela estava morta ou em maus lençóis. No entanto, perguntou-se pela milésima vez o que teria acontecido.

No ano anterior, convidara Lisbeth Salander para passar os feriados de Natal em sua cabana de Sandhamn. Tinham dado longos passeios juntos, conversando com calma sobre a repercussão dos acontecimentos dramáticos em que ambos haviam se envolvido recentemente, numa época em que Mikael vivia o que considerava uma crise existencial. Condenado por difamação, passara alguns meses preso, sua carreira de jornalista atolara na lama e, com o rabo entre as pernas, abandonara seu cargo de editor responsável da revista *Millennium*. Em poucos meses, porém, tudo mudara. Convidado a escrever a biografia do industrial Henrik Vanger, o que ele vivenciou como uma terapia escandalosamente bem remunerada, deixou de lado sua depressão para se lançar à caça desenfreada de um assassino em série artiloso e muito bem escondido.

O acaso pusera Lisbeth Salander em seu caminho. Mikael tocou distraidamente, debaixo da orelha esquerda, na cicatriz deixada pelo nó corredeiro. Lisbeth não salvara apenas sua carreira — simplesmente salvara-lhe a vida.

Em mais de uma oportunidade ela o surpreendera com seus talentos extraordinários — memória fotográfica e fabulosos conhecimentos em com-

putação. Mikael Blomkvist considerava-se relativamente competente no assunto, mas Lisbeth Salander manejava computadores como se tivesse feito uma aliança com o diabo. Aos poucos, ele fora compreendendo que ela era uma *hacker* de padrão internacional e que, dentro do clube exclusivo que se dedicava, no mundo inteiro, a uma atividade ilegal em computação de altíssimo nível, ela era uma lenda, mesmo que anônima e só conhecida pelo codinome Wasp.

A capacidade de Lisbeth para passear pelos computadores alheios é que fornecera a Mikael o material necessário para transformar seu fracasso jornalístico no caso Wennerström — um furo que, um ano depois, ainda era fonte de investigações policiais sobre crimes financeiros e levava Mikael regularmente aos sofás dos estúdios de televisão.

Um ano antes, ele vivera esse furo com uma satisfação colossal — enquanto vingança e brilhante reabilitação após sua estada na sarjeta do jornalismo. A satisfação, porém, o abandonara rapidamente. Passadas algumas semanas, já estava saturado de responder às mesmas e eternas perguntas dos jornalistas e dos tiras da divisão financeira. *Sinto muito, mas não posso revelar minhas fontes*. E no dia em que um jornalista do *Azerbaijani Times* se dera ao trabalho de ir até Estocolmo para fazer apenas as mesmas perguntas idiotas, ele se cansara. Reduzira as entrevistas ao mínimo necessário, e nos últimos meses só se dispunha a aceitá-las quando quem ligava era a Moça da tv4, e isso depois que a investigação já estava em outra fase bem específica.

A colaboração de Mikael com a Moça da tv4 tinha, além disso, outra dimensão. Ela fora a primeira jornalista a dar importância à revelação e, sem sua ajuda já na primeira noite em que a *Millennium* soltara o furo, nada garante que a história tivesse tido aquele impacto. Só mais tarde Mikael ficou sabendo que ela tivera de brigar com unhas e dentes para convencer sua redação a deixá-la contar a história. Ninguém estava disposto a dar espaço àquele tratante da *Millennium* e até o momento de ela entrar ao vivo ninguém podia garantir que a bateria de advogados da redação a deixaria falar. Vários de seus colegas mais velhos tinham baixado o polegar, alertando que se ela estivesse enganada sua carreira estaria enterrada. A Moça aguentara firme e acabara desencadeando a história do ano.

Na primeira semana, ela naturalmente continuou acompanhando o caso — já que era, a bem dizer, a única repórter que tinha se aprofundado

no assunto —, mas, às vésperas do Natal, Mikael se deu conta de que todos os comentários e novos pontos de vista tinham sido transferidos para seus colegas homens. Por volta do ano-novo, Mikael descobriu por vias indiretas que haviam simplesmente afastado a moça sob o argumento de que o maior acontecimento midiático do ano tinha de ser tratado por jornalistas de economia sérios, e não por uma menina originária da ilha de Gotland, ou sabe-se lá de onde. Isso irritou Mikael, e quando, mais tarde, a TV4 lhe pediu uma declaração, ele retrucou de cara que só falaria com a Moça, o que resultou em alguns dias de silêncio carrancudo antes de os sujeitos capitularem e ela reassumir seu lugar.

O interesse decrescente de Mikael pelo caso Wennerström coincidia também com o desaparecimento de Lisbeth Salander. Ele continuava sem entender o que havia acontecido.

Haviam se despedido um dia depois do Natal, e nos dias seguintes não tinham se visto. Na véspera do réveillon, Mikael ligou para ela bem tarde da noite. Ela não atendera. No dia do réveillon, passara duas vezes na casa dela e tocara a campainha. Na primeira, viu luz no apartamento, mas ela não abriu a porta. Na segunda, estava tudo escuro. No dia do ano-novo, tentara ligar mais uma vez, porém a única resposta que obteve foi a mensagem gravada dizendo que o número estava indisponível no momento.

Nos dias que se seguiram, encontrou-a duas vezes. Preocupado, ainda sem conseguir falar com Lisbeth, foi até seu apartamento no início de janeiro e sentou-se num degrau da escada em frente à porta. Tinha levado um livro e esperou persistentemente por quatro horas até ela chegar, pouco antes das onze da noite. Carregava uma caixa de papelão e parou de repente quando o avistou.

— Oi, Lisbeth — disse ele, fechando o livro.

Lisbeth contemplou-o sem a menor expressão no olhar, sem calor nem amizade. Depois passou por ele e enfiou a chave na fechadura.

— Me oferece um café? — perguntou Mikael.

Ela virou-se para ele e falou em voz baixa.

— Vá embora. Não quero mais te ver.

Então fechou a porta na cara de um perplexo Mikael Blomkvist, que ficou escutando ela girar a chave na fechadura.

Três dias depois, encontrou-a uma segunda vez. Ele pegara o metrô de

Slussen na Centralen, e quando o trem parou na Gamla Stan, ao olhar pela janela, avistou-a na plataforma, a menos de dois metros de distância. Avisou-a no exato momento em que as portas se fechavam. Por cinco segundos, ela olhou bem dentro de seus olhos, mas como se ele fosse transparente, antes de dar meia-volta e se afastar de seu campo de visão enquanto o trem se punha em marcha.

A mensagem era clara. Lisbeth Salander não queria nada com Mikael Blomkvist. Riscara-o de sua vida com a mesma eficiência com que apagava um arquivo do seu computador, sem explicação ou negociação. Mudara o número do celular e não respondia aos e-mails.

Mikael suspirou, desligou a tevê, aproximou-se da janela e contemplou o prédio da prefeitura.

Perguntou-se se não estaria errado, insistindo em passar assim regularmente em frente ao apartamento de Lisbeth. Até então, a atitude de Mikael, se uma mulher sinalizasse de forma tão clara que não queria mais ouvir falar nele, era ir embora. Para ele, não respeitar uma mensagem dessas equivalia a não respeitar a mulher em questão.

Na época do caso, tinham estado juntos na cama. Acontecera por iniciativa de Lisbeth, e a relação havia durado seis meses. Se era a decisão dela terminar aquela história do mesmo modo surpreendente como começara, a Mikael só restava aceitar. Cabia a ela romper. Mikael não via dificuldades no papel de ex-namorado — se era assim que ele agora tinha de se considerar —, mas estava perplexo com a forma como Lisbeth Salander o deixara.

O único problema é que Mikael gostava imensamente de Lisbeth Salander. Não estava nem um pouco apaixonado por ela — combinavam tão pouco quanto duas pessoas podem combinar —, mas gostava dela e sentia mesmo falta daquela mulherzinha danada de complicada. Imaginara que a amizade deles fosse recíproca. Em suma, sentia-se um idiota.

Depois de passar um longo tempo diante da janela, sua decisão estava tomada.

Se Lisbeth Salander o detestava a ponto de não conseguir sequer cumprimentá-lo quando se encontravam no metrô, a amizade entre eles provavelmente acabara e o dano era irreversível. A partir de agora, não passaria mais pelo seu apartamento nem faria o menor gesto para retomar o contato com ela.

Lisbeth Salander consultou seu relógio e constatou que, mesmo ficando comportadamente à sombra, estava encharcada de suor. Eram dez e meia. Memorizou uma fórmula matemática de três linhas e fechou o *Dimensions in Mathematics*, depois pegou a chave do quarto e seu maço de cigarros em cima da mesa.

Seu quarto era no primeiro andar, o último andar do hotel. Tirou a roupa e entrou no chuveiro.

Um lagarto verde de uns vinte centímetros a espreitava da parede, logo abaixo do teto. Lisbeth, por sua vez, olhou-o de soslaio, mas não fez nenhum gesto para expulsá-lo. Concluía que o lagarto era hóspede ali havia muito mais tempo que ela e provavelmente ainda seria muito tempo depois de ela ter ido embora de Granada. Havia lagartos por toda a ilha, eles se esgueiravam no quarto pelas persianas das janelas abertas, por baixo da porta ou pela ventilação do banheiro. Gostava da companhia deles, de modo geral não a perturbavam e pareciam mais inteligentes que certos humanos que ela conhecia. A água estava fria mas não gelada, e ela ficou debaixo do chuveiro uns cinco minutos para se refrescar.

Ao voltar para o quarto, deteve-se nua diante do espelho do armário e examinou seu corpo, maravilhada. Ainda pesava quarenta e dois quilos e meia quase um metro e cinquenta. Não havia muito o que fazer. Tinha membros finos como os de uma boneca, mãos pequenas e quadris acanhados.

Mas tinha seios.

A vida inteira ela fora ridiculamente reta, como se ainda não tivesse entrado na puberdade. Seus mamilos eram pequenos, mas muito normais. O problema é que estavam situados sobre o que poderia ser descrito, quando muito, como esboços de saliência. Tinham um aspecto absolutamente ridículo e ela sempre achara desagradável se mostrar nua.

E então, de repente, lá estava ela com seios. Não se tratava de melões (o que ela não desejava, e teria ficado ainda mais ridículo no seu corpo miúdo), mas de dois seios redondos e firmes do tamanho de, pelo menos, uma tangerina. A mudança acontecera gradualmente e as proporções eram plausíveis. Uma diferença radical, tanto para o seu aspecto físico como para o seu bem-estar pessoal.

Lisbeth passara cinco semanas numa clínica próxima a Gênova, na Itália, para fazer os implantes que constituíam a base dos seus seios novinhos. Escolhera a clínica e os médicos de melhor reputação na Europa, que normalmente praticavam intervenções por razões clínicas mais do que estéticas. Sua médica, uma mulher de fibra encantadora chamada Alessandra Perrini, concluía que seus seios eram subdesenvolvidos e que havia justificativas médicas para aceitá-la como paciente.

A cirurgia não tinha sido indolor, mas os seios pareciam naturais, ao olhar e ao toque. Os mamilos estavam tão sensíveis como antes da intervenção, e as cicatrizes, quase invisíveis. Em momento algum se arrependera de sua decisão. Estava satisfeita. Seis meses depois, ainda não conseguia passar nua na frente de um espelho sem se sobressaltar e começar a apalpar os seios. Sentia-os como um aporte à sua qualidade de vida.

Aproveitando sua estada na clínica de Gênova, mandara remover uma de suas nove tatuagens — um marimbondo de dois centímetros no lado direito do pescoço. Gostava de suas tatuagens, principalmente do enorme dragão que se estendia da escápula até a nádega, mas ainda assim decidira livrar-se do marimbondo, ponderando que uma marca tão visível e ostensiva a tornava fácil de identificar e lembrar. Lisbeth Salander não queria ser nem identificada nem lembrada. A tatuagem fora removida a laser e, quando passava o dedo indicador pelo pescoço, podia sentir uma leve cicatriz. Uma inspeção mais aprofundada mostraria que sua pele bronzeada era um tantinho mais clara no local da tatuagem, mas uma olhada rápida nada revelava. Ao todo, sua estada em Gênova lhe custara o equivalente a cento e noventa mil coroas.

Era algo que ela podia se permitir.

Parou de sonhar na frente do espelho e vestiu uma calcinha e um sutiã. Dois dias depois de deixar a clínica de Gênova entrara, pela primeira vez nos seus vinte e cinco anos de vida, numa loja de lingerie e comprara o objeto de que até então nunca tinha precisado. De lá para cá, completara vinte e seis anos e ainda usava aquela peça com certa fascinação.

Enfiou um jeans e uma camiseta preta com os dizeres *Consider this a fair warning*. Pegou as sandálias e o chapéu de palha e pendurou uma sacola de náilon preto no ombro.

Ao dirigir-se para a saída, notou um pequeno grupo de clientes discutindo na recepção. Diminuiu o passo e apurou o ouvido.

— *Just how dangerous is she?* — gritou uma mulher negra com sotaque *british*.

Lisbeth a reconheceu, fazia parte de um grupo de veranistas que tinham chegado de Londres dez dias antes.

Freddie McBain, o recepcionista grisalho que invariavelmente brindava Lisbeth Salander com um sorriso simpático, parecia chateado. Explicou que todos os clientes do hotel receberiam instruções e que não havia motivo para se preocupar se todo mundo seguisse essas instruções à risca. Sua resposta foi recebida com uma torrente de perguntas.

Lisbeth Salander franziu o cenho e foi ter com Ella Carmichael atrás do balcão do bar.

— O que está acontecendo? — perguntou, indicando o ajuntamento na recepção.

— Mathilda está ameaçando nos fazer uma visita.

— Mathilda?

— Mathilda é um ciclone que se formou há quinze dias ao largo da costa brasileira e hoje de manhã passou reto por Paramaribo. É a capital do Suriname. Não se sabe muito bem que direção ele vai tomar — provavelmente mais ao norte, rumo aos Estados Unidos. Mas se continuar seguindo a costa no sentido oeste, vai topar com Trinidad e Granada no caminho. Ou seja, é possível que a gente pegue vento.

— Pensei que a temporada dos ciclones tivesse acabado.

— E tinha. Em geral, os alertas de ciclone nos chegam em setembro e outubro. Mas o clima anda tão desregulado com essas histórias de efeito estufa que não dá para prever mais nada.

— Entendi. E o Mathilda está previsto para quando?

— Para logo.

— E eu devo estar preparada para quê?

— Lisbeth, com ciclone não se brinca. Tivemos um ciclone nos anos 1970 que causou estragos imensos aqui em Granada. Eu tinha onze anos e morava numa aldeia, lá em cima, para os lados do Lagoa Grande, na estrada de Grenville. Nunca vou esquecer aquela noite.

— Ahã.

— Mas não se preocupe. Fique perto do hotel no sábado. Prepare uma sacola com o que lhe parece indispensável — estou pensando no computador

em que vejo você brincando — e esteja pronta para levá-la se vier o aviso de ir para um abrigo. Só isso.

— Está bem, não vou esquecer.

— Quer tomar alguma coisa?

— Não, obrigada.

Lisbeth Salander saiu sem se despedir. Ella Carmichael sorriu resignada. Levava algumas semanas para se acostumar com os modos daquela moça estranha e acabara entendendo que Lisbeth Salander não era arrogante — era simplesmente de outro planeta. Mas pagava o que consumia sem reclamar, mantinha-se mais ou menos sóbria, cuidava da própria vida e nunca causava nenhum problema.